

# O CONCEITO HUSSERLIANO DE CORPO: SUA DUALIDADE E FUNÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS PERCEPTIVAS

## THE HUSSERLIAN CONCEPT OF BODY: ITS DUALITY AND FUNCTION IN PERCEPTUAL EXPERIENCES

*Autora Juliana Missaggia\**

Recebido: 03/2017

Aprovado: 09/2017

**Resumo:** O propósito deste artigo é apresentar a noção husserliana de corpo, tema da fase tardia do pensamento de Husserl e ainda pouco investigado. A exposição parte da análise da relação de tal conceito com as experiências perceptivas, demonstrando que a teoria fenomenológica da percepção, ao contrário do que normalmente se supõe, leva em conta a função fundamental desempenhada pela corporeidade do sujeito. Com isso, investiga-se também a dualidade da noção por meio da importante distinção, elaborada por Husserl, de corpo enquanto objeto físico (*Körper*) e corpo “vivo” (*Leib*).

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Husserl, Corpo, Percepção

**Abstract:** My aim in this paper is to expound the Husserlian notion of body – a still scarcely studied theme of Husserl's later thought. Starting with the analysis of how this concept relates to perceptual experiences, and at odds with certain common assumptions on the matter, I go on to argue that the phenomenological theory of perception takes into account the fundamental role performed by the subject's embodiment. In this way, I also investigate the duality of that notion by means of the important distinction Husserl draws between the body alternatively understood as physical object (*Körper*) and as “living” (*Leib*).

**Keywords:** Phenomenology; Husserl, Body, Perception

### **Introdução**

O conceito de corpo é sem dúvida tema filosófico fundamental para o pensamento contemporâneo e muito é dito sobre o papel central da fenomenologia no estabelecimento de questões relativas a tal noção. Porém, quando estudos nessa direção partem da tradição fenomenológica, quase sempre remetem diretamente aos trabalhos de Merleau-Ponty. Embora Husserl seja ainda amplamente conhecido sobretudo como um pensador que tratou da subjetividade a partir do *eu puro*, é digno de nota que a filosofia husserliana não apenas influenciou o fenomenólogo francês também nesse aspecto, como tem suas próprias contribuições ao tema. A noção de corpo é importante, portanto, em primeiro lugar, para desmistificar a ideia de Husserl como um idealista que nada tem a dizer sobre questões “empíricas” ou sobre o ser humano enquanto “ser no mundo”.

Para analisar o conceito de corpo em Husserl, porém, é necessário, de um lado, perceber suas origens e seu papel central já em trabalhos da fase “inicial” da

---

\* Doutora em Filosofia, professora da Universidade Federal de Santa Maria.

Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 3 (2017), p. 196-208 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i3.33484>

fenomenologia husserliana, nos quais ele se relaciona diretamente com o problema da percepção. Esse aspecto é importante, na medida em que fica evidente que o filósofo já estava ciente da importância do conceito de corpo tanto em seus primeiros estudos – por vezes entendidos como pré-transcendentais – quando em suas obras posteriores, em parte críticas das considerações da fase propriamente “transcendental” ou “idealista”<sup>1</sup>. Como pretendo indicar brevemente, porém, isso não significa que não houve qualquer transformação no conceito. De fato, algumas distinções surgem a partir do desenvolvimento da fenomenologia, o que representou, para a noção de corpo, um enriquecimento significativo, conforme será desenvolvido a seguir.

Um dos aspectos mais importantes de tais modificações é a “dualidade” do conceito de corpo, o qual, a partir da obra de 1936, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, abarca a distinção entre *Körper* e *Leib*, objeto físico e corpo “vivo”, respectivamente. A intenção fundamental de Husserl com tal diferenciação, conforme será analisado em mais detalhes, é apontar para dois aspectos da corporeidade: de um lado, aquilo que diz respeito aos elementos estritamente materiais dos corpos, envolvendo o que eles têm em comum com qualquer objeto físico; de outro, suas dimensões propriamente “espirituais”, isto é, sua relação com a consciência.

### ***O conceito de corpo como condição para as experiências perceptivas***

Em um primeiro momento, a noção de corpo foi analisada por Husserl sobretudo em sua relação com a espacialidade e a ideia de “sensações cinestésicas”, que dizem respeito à experiência de capacidade de movimento e de posição ocupada pelo corpo, a qual se relaciona com a apreensão da espacialidade e da percepção de objetos de maneira geral. Muitas dessas análises são desenvolvidas já no curso de 1907, *Ding und Raum*, no qual Husserl trata da noção de corpo relacionando-a também ao modo como apreendemos os objetos na experiência.

Se permanecemos apenas com as sensações que tem uma função objetivante para as coisas, então descobrimos que elas envolvem uma apreensão dupla, primeiro a que possibilita o aparecimento das coisas físicas e também o aparecimento do corpo (*Leib*) enquanto coisa física, e, depois, a que possibilita o corpo a aparecer enquanto sensível, enquanto portador de tais sensações.

Das sensações objetivantes surgem, ligadas a elas, determinações de um tipo especial, ocorrências subjetivas conectadas ao corpo, localizadas nele. Se vamos além do domínio da aparência própria e da aparência em geral, então surge, por fim, a introjeção de todas as sensações e todas as aparências no eu e no eu-corpo (*Ichleib*)<sup>2</sup>.

De acordo com o filósofo, as sensações têm um papel fundamental na fundação da objetividade em geral, pois é o que possibilita, em primeiro lugar, o surgimento das coisas físicas – incluindo, evidentemente, o corpo, na medida em que também é uma coisa física. O corpo, porém, não é como os demais objetos, uma vez que é justamente aquele que detém as sensações: a percepção das coisas do mundo se dá através daquilo que nos chega pelos órgãos dos sentidos. Em última análise, tudo que possamos conceber como aparência remete ao eu e seu corpo, pois todo aparecer é relativo ao sujeito e ao modo como as coisas lhe aparecem, sempre de acordo com a maneira como se dá a apreensão das sensações<sup>3</sup>.

Um tratamento mais extenso e detalhado de corpo, porém, surge primeiramente no segundo volume de *Ideias (Ideen II)*, destinado aos estudos sobre a fenomenologia da constituição. Nessa obra, Husserl desenvolve a questão do corpo tanto em relação à percepção, mostrando como é condição para tal, como também em suas diferenças em comparação aos demais objetos do mundo e sua conexão com a consciência. Essas análises são interessantes, também, por apontarem para a relação da apreensão do outro a partir do seu corpo, indicando o caminho para o desenvolvimento da fenomenologia da intersubjetividade.

O corpo é, em primeiro lugar, o meio para toda percepção; ele é o órgão da percepção e está envolvido necessariamente em toda percepção. (...) A possibilidade de experiências dizem respeito ao curso espontâneo de atos de sensação atuais, os quais são acompanhados por séries de sensações cinestésicas e são dependentes delas do seguinte modo: com a localização das séries cinestésicas em membros móveis do corpo está o fato de que em toda percepção e exibição perceptual (experiência) o corpo está envolvido enquanto um órgão de sentido móvel, como movente livre da totalidade dos órgãos sensórios, e com isso também está dado o fato de que, nesta fundação original, tudo o que é uma coisa real no mundo circundante do ego tem relação com o corpo. Além disso, obviamente conectada com isso, está a distinção que o corpo adquire enquanto o portador do ponto zero de orientação, o portador do agora e do aqui, a partir do qual o ego intui o espaço e o mundo dos sentidos como um todo. Assim, cada coisa que aparece tem *eo ipso* uma orientação em relação ao corpo, e isso se refere não somente ao que aparece atualmente, mas também à toda e qualquer coisa que possa aparecer<sup>4</sup>.

Conforme explicita o filósofo, portanto, o corpo é o meio através do qual a percepção é possível. O corpo exerce um papel crucial no ato perceptivo não somente devido aos órgãos dos sentidos, mas também por sua relação com o espaço e sua capacidade de movimento. Nosso corpo também é um objeto entre outros, mas é, por assim dizer, o objeto que serve de instrumento para a percepção por se relacionar com os outros objetos e permitir a interação “sensorial” no mundo das coisas efetivamente dadas. Podemos, no contato com os objetos, vê-los, tocá-los, ouvi-los, e assim por diante, mas tudo isso também envolve nossa situação de corpo no espaço – espaço esse compartilhado, evidentemente, com todos os demais entes – e nossa possibilidade de nos movermos nesse ambiente de contato, alterando a percepção de acordo com nossa posição em relação às coisas as quais nos dirigimos.

Se, por exemplo, desejo contemplar determinada escultura, e me dirijo a um museu com esse objetivo, a minha interação com o objeto, do ponto de vista da percepção, tanto mais rica será quando mais “faces” do objeto estiver ao alcance da minha visão. Uma escultura que esteja posicionada muito próxima à parede, por exemplo, não permitirá ao espectador vê-la desde tantos ângulos quanto outra que se encontra no meio da sala de exposição. Do mesmo modo, se houver possibilidade de vê-la de perto, mas também com alguma distância (sem, é claro, que nada interfira no campo de visão), a minha experiência será mais rica do que se alguma dessas alternativas estiver vetada. Esse exemplo pode servir também de ilustração para a ênfase de Husserl no papel do corpo como elemento chave da percepção, não somente no que diz respeito aos órgãos dos sentidos, mas também na sua capacidade de movimento.

Outro aspecto a esses relacionados é o corpo enquanto “ponto zero” de orientação: toda relação com os objetos espaço-temporalmente apreendidos se dá a partir de um ponto específico do sujeito, desde sua localização e relativa aos seus pontos de referência. O “aqui” é sempre o “aqui” relativo ao corpo, e o mesmo vale para o “agora”. Como diz Husserl: “tenho todas as coisas diante de mim, elas são todas ‘ali’ – com exceção de uma e apenas uma coisa, que é o corpo, o qual é sempre um ‘aqui’”<sup>5</sup>. O ponto fundamental de orientação, portanto, será relativo ao corpo e, devido a isso, variável conforme a sua localização de tal modo que uma mesma coisa que antes era o “objeto à minha direita”, pode passar a ser o “objeto à minha esquerda”, pelo fato de meu corpo ter mudado de posição.

Do mesmo modo, “esquerda”, “direita”, “acima” e “abaixo”, são sempre noções espaciais relacionadas à situação do sujeito e sua posição no espaço. O

mesmo vale, na verdade, para outras noções não tão exatas, como “longe” ou “perto” e “pequeno” ou “grande”. Embora variem para um mesmo sujeito, de acordo com o contexto, geralmente nossas concepções de tamanho são relativas ao nosso próprio corpo. Dizemos, por exemplo, que ratos são animais pequenos e elefantes animais grandes, mas isso, é claro, porque nossos corpos não possuem o mesmo tamanho que os das formigas ou baleias. De maneira análoga, consideramos e julgamos a distância entre dois pontos geralmente a partir dos meios que dispomos para chegar até lá, o que também se relaciona com o tamanho e velocidade do nosso corpo.

O corpo não é, em última instância, apenas a condição para toda a percepção, mas também aquilo que determina os limites de nossa própria percepção: fazendo uso apenas dos nossos órgãos tais como são, sem utilizar outros instrumentos, podemos ver até certo ponto e ouvir até certa medida; nossa visão ou audição não são, por exemplo, tão aguçadas quanto as de certos animais, como águias ou lobos. Da mesma maneira, certas partes do nosso corpo não estão naturalmente acessíveis à nossa visão (como nosso próprio rosto) e, em certo sentido, estamos *presos a nós mesmos*: posso me afastar de todos os objetos exteriores, mas “não tenho a possibilidade de distanciar-me de meu próprio corpo”<sup>6</sup>.

Como afirma Husserl, de fato todo e qualquer objeto, em sua possível apreensão, surge como algo relativo ao nosso corpo, tanto pela referência espacial, como pelos diversos conceitos relacionados. Mas o filósofo identifica, no papel do corpo na construção do mundo espacial e perceptivo, dois tipos de sensações. O primeiro trata das sensações apreendidas pelos órgãos dos sentidos, como as cores que são percebidas pela visão, os sons apreensíveis através da audição, e assim por diante. O segundo tipo diz respeito aos sistemas relacionados às sensações cinestésicas, que nos permitem alterar, antecipar e prever as possibilidades ainda não realizadas de percepções potenciais. É o caso, por exemplo, de sabermos que temos que nos aproximar para ler um aviso que está colado à parede da sala, ou, guiando-nos pela audição, encontrarmos a rua na qual alguém está tocando violino.

O que Husserl pretende chamar a atenção, é o fato de que a percepção “é, sem exceção, uma realização unitária que surge essencialmente da relação de duas funções correlativamente conectadas”<sup>7</sup>. Ou seja, não é apenas o caso de que nossa percepção dos objetos seja possível, tal como efetivamente o é, a partir dos órgãos dos sentidos, mas também que o aspecto “móbil” do corpo está de antemão relacionado à maneira como percebemos e como *utilizamos* nossas

faculdades sensórias. Nesse sentido, o corpo não é apenas sensório, mas é, simultaneamente, corpo *móvil-sensório*.

A relação entre a sensibilidade corpórea e a apreensão dos objetos é destacada também, em *Krisis*, no contexto da análise do mundo da vida<sup>8</sup>: “tudo o que se expõe no mundo da vida como coisa concreta tem, obviamente, uma corporeidade”, a qual, é claro, relaciona-se com a nossa própria corporeidade. “Contudo, se atendermos somente à pura corporeidade das coisas, então é manifesto que esta só se expõe, segundo a percepção, no ver, no tatear, no ouvir, etc. (...). Nisso está óbvia e inegavelmente implicado o nosso corpo vivo (...)”<sup>9</sup>. De fato, nossa vivência concreta no mundo da vida e o modo como nos dirigimos aos objetos se dá necessariamente através da mediação do nosso corpo e suas faculdades sensíveis. Isso nem sempre é, no entanto, explicitamente tematizado no mundo da vida e, no mais das vezes, tal aspecto fica subentendido na nossa experiência.

### **Corpo enquanto coisa física (Körper) e corpo “vivo” (Leib)**

Um dos pontos mais importantes do conceito de corpo em Husserl é a distinção entre *Körper* e *Leib*. Em poucas palavras, *Körper* diz respeito aos aspectos estritamente *materiais* e *físicos* do corpo, daquilo que ele tem em comum com todos os objetos do mundo, abstraindo, portanto, da sua conexão com uma consciência. *Leib*, por outro lado, é o corpo enquanto algo *vivo*, animado por uma “alma” e que envolve todos os aspectos psicológicos da consciência. Conforme aponta Natalie Depraz, a diferença entre as duas expressões pode ser explicada em termos etimológicos: *lîp*, no alemão antigo, possuía um sentido que abrangia tanto “corpo” como, em geral, “vida” (que viria a se tornar “*Leben*”). “Corpo” no sentido de “*Leib*”, portanto, guarda essa conexão com a ideia de *vida*, de algo que não é mera coisa material inanimada. *Körper*, por outro lado, é apenas a versão germânica da palavra latina *corpus*, e remete à concepção de corpo apenas enquanto objeto físico<sup>10</sup>.

Tal distinção, embora venha a aparecer de maneira mais explícita e detalhada somente em *Krisis*, já é antevista em *Ideen II*, mas temos razões para crer que os conceitos ainda não estavam plenamente desenvolvidos nesse primeiro momento. O que demonstra isso é, principalmente, o fato de Husserl utilizar indiscriminadamente a expressão “*Leib*”, para se referir tanto ao corpo enquanto coisa física, quanto ao corpo vivo. O filósofo por vezes utiliza “*Körper*”

nessa obra, mas geralmente para tratar dos meros objetos físicos e não ao corpo em si. Outra questão é que, embora haja muitas considerações sobre as características e peculiaridades do corpo vivo, a ênfase de comparação não é com o nosso corpo enquanto coisa física, mas sobretudo a diferença entre corpo vivo e, em geral, todos os demais objetos do mundo.

Assim, Husserl explicita em *Ideen II* que embora o corpo seja um objeto como os demais, sujeitos às mesmas leis e propriedades, ele possui características que o tornam distinto dos demais *corpos* com os quais nos relacionamos. Nosso próprio corpo pode, assim como todos os objetos, ser por nós visto e tocado. Mas o fato de nosso corpo ser o “portador das sensações” faz com que, ao ser tocado, ele também perceba o toque: o corpo é, de fato, simultaneamente ativo e passivo na faculdade tátil. Podemos, é claro, dizer que dois objetos físicos “se tocam” – “a cortina toca a parede”, por exemplo –, mas nesse “tocar” nunca estamos nos referimos à mesma coisa que ocorre no caso do corpo *vivo*, que toca e é tocado. E assim também com as demais faculdades: nosso corpo pode, como qualquer objeto, ser visto, mas ele é também, ao mesmo tempo, o corpo que vê<sup>11</sup>. Assim, portanto, “meu corpo, na interação física com outras coisas materiais, envolve (...) não apenas a experiência de uma ocorrência física, (...) mas também a experiência de uma ocorrência especificamente corpórea do tipo que chamamos sensível”. Tal tipo de ocorrência é o que falta às “meras coisas materiais”<sup>12</sup>.

Outra característica fundamental e diferenciadora do corpo vivo em relação aos meros objetos é que ele é “um órgão de vontade, o único objeto que, pela vontade do ego, é imediata e espontaneamente movível e é um meio para produzir um movimento, por sua mediação espontânea, em outras coisas”<sup>13</sup>. Assim, embora os objetos em geral sejam potencialmente *móveis*, somente um corpo vivo se move por livre vontade, utilizando-se dessa faculdade para também dar movimento a outros *corpos*, não animados. Note-se que o ponto aqui é justamente a capacidade de movimento autônomo *livre* do corpo vivo, pois outros objetos, mecânicos, por exemplo, podem ser programados para gerar movimento a partir de si mesmos, mas não de maneira independente como o corpo vivo.

Nosso corpo está, além disso, envolvido como portador de outros modos de sensações, de um tipo de “objetividade superior”, como no caso dos sentimentos, das sensações de prazer e dor, de bem ou mal-estar, etc., as quais permeiam as formas primárias de sensação. Dessa maneira, uma determinada sensação como sentir frio, por exemplo, pode ser acompanhada de um sentimento de desconforto. O corpo vivo, enquanto território de todos esses complexos integrados de

sensações, é vivenciado por cada um como “seu corpo particular”, enquanto “uma objetividade subjetiva distinta do corpo enquanto mera coisa material”<sup>14</sup>. Isso quer dizer, portanto, que a experiência concreta de ter um corpo e perceber as coisas do mundo por seu intermédio envolve diversas sensações integradas, aos quais se unificam na identificação de si com seu corpo vivo próprio.

É importante observar, também, que os momentos e tipos de sensações do corpo são distinguíveis apenas por abstração a partir de sua experiência, pois a maneira como vivenciamos todos esses momentos se dá de modo unificado: a sensação de muito frio já vem acompanhada do sentimento de desconforto, e na experiência concreta usualmente não ocorre uma distinção clara desses momentos. Isso fica evidente no modo mesmo como nos expressamos no cotidiano: quando dizemos, “estou sentindo frio”, já estamos, normalmente, nos referindo simultaneamente à sensação de frio e ao incômodo que a acompanha. A unidade de todas as sensações do corpo se relaciona, além disso, com a própria ideia do corpo vivo como pertencente a uma “alma”<sup>15</sup>, ou ego.

Dizer que esse ego, ou alma, ‘tem’ um corpo não significa apenas que existe uma coisa física material que iria, através de seus processos materiais, apresentar condições reais para ‘eventos de consciência’ ou mesmo que em seus processos ocorra a dependência de eventos de consciência com um ‘fluxo de consciência’. A causalidade, se é para tomar o mundo em seu sentido pleno, pertence à realidade, e os eventos de consciência fazem parte da realidade apenas enquanto estados psíquicos ou estados de um ego psíquico. A alma e o ego psíquico ‘tem’ um corpo; há uma coisa material, de determinada natureza, que não é mera coisa material mas é um corpo (*Leib*), ou seja, uma coisa material que, enquanto campo de sensações e fluxos de sentimentos, enquanto conjunto dos órgãos dos sentidos, e enquanto parte fenomenal e contraparte de todas as percepções de coisas (...), configura um componente fundamental da doação real da alma e do ego<sup>16</sup>.

Ora, Husserl aponta aqui, em primeiro lugar, para a necessidade de distinguir aspectos relacionados a certos elementos das sensações do corpo – aqueles de natureza propriamente psíquica – da ideia de mera *causalidade* aos quais todos os objetos físicos estão sujeitos. Não se está negando, é claro, que também o corpo vivo seja sujeito às mesmas leis físicas dos outros objetos, como a gravidade. O que ocorre, porém, é que certos aspectos do corpo são de natureza psíquica e não propriamente física: os diversos estados ‘mentais’, por assim dizer, não ocupam um lugar no espaço, não possuem um “peso”, etc. Nesse sentido, há elementos no conjunto das sensações diversas do corpo que

pertencem ao mundo das coisas “reais” apenas enquanto estados psíquicos de um ego ou “alma”.

Essa é, em última instância, o fundamento mesmo da diferença entre o corpo vivo e as meras coisas físicas. O corpo, embora seja, em determinado aspecto, exclusivamente físico e semelhante, portanto, aos demais objetos do mundo, possui também a propriedade diferencial de ser corpo animado por uma “alma” ou ego, com elementos de natureza psíquica e não *material*. Mas também essa diferença, tal como as anteriores, caracteriza uma diferenciação em certo sentido artificial: o corpo vivo é vivenciado de tal modo que configura um conjunto integrado de organismo cuja natureza é *psicofísica*<sup>17</sup>.

No que diz respeito às diferenças explícitas do nosso corpo enquanto *Körper* e enquanto *Leib*, Husserl lembra, em *Krisis*, que “o corpo (*Körper*) e o corpo vivo (*Leib*) são, segundo a percepção, essencialmente diferentes; o corpo vivo enquanto o único corpo efetivamente perceptivo, o meu corpo vivo”<sup>18</sup>. *Leib* possui a peculiaridade de ser o corpo propriamente perceptivo porque é sempre a partir dele, enquanto corpo *animado*, que a percepção é possível. Na experiência concreta do mundo da vida, no mais das vezes, já nos pensamos enquanto corpo vivo.

A abstração do nosso corpo enquanto *Körper*, naquilo que ele tem em comum com os demais objetos do mundo, é em certo sentido uma reflexão artificial: não vivenciamos o nosso corpo como uma coisa qualquer entre outras coisas, pois toda a experiência de contato com o mundo ocorre justamente por meio do corpo. Não é como se houvesse apenas uma diferença quantitativa no modo como nos relacionamos com o nosso corpo e com os demais corpos, não se trata apenas do fato de termos um contato distinto ou mais próximo com o corpo que nos pertence. De fato, trata-se de uma vivência qualitativamente distinta: nós *somos* o nosso corpo.

Nesse sentido, embora possamos, é claro, fazer reflexões puramente teóricas sobre o corpo, ou analisá-lo em termos científicos quanto ao seu funcionamento, ou pensá-lo em abstração do fato de ser o corpo de *alguém*, todas essas considerações são em certo sentido derivadas e secundárias em relação à experiência básica de pertencimento com o corpo vivo. Mesmo em um contexto cultural e filosófico em que domine a crença de que a verdadeira identidade do ser humano é ser uma *alma* e não um corpo<sup>19</sup>, ainda que o corpo seja concebido como algo impuro e inferior à alma ou espírito, ainda assim na vivência concreta e no mundo da vida, o corpo é tomado como algo que nos *pertence* em um sentido completamente diferente do que aquele pelo qual dizemos que os objetos nos

pertencem.

### **Considerações finais: indicação de algumas apropriações recentes do conceito husserliano de corpo**

Assim, observando o caminho percorrido por meio dessa breve análise, é possível verificar a importância central desse tema para a fenomenologia: o conceito de corpo, em primeiro lugar, é desenvolvido por Husserl como um elemento fundamental para a compreensão das experiências perceptivas. Embora o filósofo seja frequentemente acusado de ignorar o papel do corpo em sua teoria da percepção, tivemos oportunidade de indicar, principalmente através da análise de obras publicadas apenas postumamente, que a fenomenologia husserliana reconhece a relação entre o aspecto corpóreo e a esfera perceptiva. Outra questão de grande relevância é a distinção entre corpo enquanto coisa física (*Körper*) e corpo “vivo” (*Leib*), através da qual verificamos que muitos dos desdobramentos posteriores da fenomenologia, sobretudo através do trabalho de Merleau-Ponty, já encontravam suas sementes na obra de Husserl.

Embora não caiba um maior desenvolvimento dessas questões, o que poderia ser elaborado em outra oportunidade, é válido indicar como um desdobramento interessante do tema – e que também atesta sua atualidade filosófica –, que uma série de estudos recentes partem das considerações de Husserl: uma dessas linhas de pesquisa envolve a análise da importância do conceito de corpo para o estabelecimento da intersubjetividade, da empatia e de questões de ética, conforme desenvolvem diversos estudos atuais<sup>20</sup>. É interessante observar que, em parte, são retomados argumentos sobre o fato de a noção de corpo possibilitar a elaboração de questão que não foram suficientemente exploradas por Husserl, mas que já haviam sido indicadas, por exemplo, no trabalho de Edith Stein<sup>21</sup>.

Outro desdobramento interessante é a apropriação das considerações da corporeidade na filosofia husserliana a partir da teoria feminista. Em parte críticas em relação à carência da fenomenologia em distinguir entre a vivência corpórea de homens e mulheres, tais análises indicam caminhos para retomar elementos conceituais da fenomenologia atentando para sua dimensão política<sup>22</sup>. Algumas dessas questões já apareciam, também, na obra de Simone de Beauvoir<sup>23</sup>, e são depois desenvolvidas por outras autoras ligadas à fenomenologia e à teoria feminista, como Iris Marion Young e Linda Martín Alcoff<sup>24</sup>.

### **Referências bibliográficas**

ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*. Radical Philosophy, n. 95, p. 15-26, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 2014.

DEPRAZ, Natalie, *Transcendance et incarnation. Le statut de l'intersubjectivité comme altérité à soi chez Husserl*. Paris: Vrin (Histoire de la philosophie), 1995.

FISHER, L.; EMBREE, L. (Ed.). *Feminist Phenomenology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 2000.

HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*. Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

HUSSERL, Edmund. Husserliana 16. *Ding und Raum. Vorlesungen 190/*. Ed. Ulrich Claesges. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.

HUSSERL, Edmund. Husserliana 5. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Drittes Buch: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften*. Ed. Marly Biemel. The Hague: Martinus Nijhoff, 1952, rpt. 1971.

HUSSERL, Edmund. Husserliana 6. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Ed. Walter Biemel. The Hague: Martinus Nijhoff, 1954, rpt. 1962.

HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

MAJOR, Ulrich. "The Origin and Significance of Husserl's Notion of the Lebenswelt", In David Hyder and Hans-Jörg Rheinberger (eds), *Science and the Life-World: Essays on Husserl's Crisis of European Sciences*, Stanford: Stanford University Press, 2010.

MCMULLIN, Irene. "Embodied Expression: The Role of the Lived Body in Husserl's Notion of Intention-Fulfillment." *European Journal of Philosophy* (2015).

MURRAY, Stuart J., and Dave Holmes. "Interpretive phenomenological analysis (IPA) and the ethics of body and place: critical methodological reflections." *Human Studies* 37.1 (2014): 15-30.

RENDTORFF, Jacob Dahl. "The Phenomenological Tradition: Experience, Body and Ethics." *French Philosophy and Social Theory*. Springer Netherlands, 2014. 77-98.

STEIN, Edith. *Zum Problem der Einfühlung*. Halle: Buchdruckerei des Weisenhauses, 1917.

STOLLER, S.,(2005). *Feministische Phänomenologie und Hermeneutik*. Würzburg: Königshausen & Neumann.

STOLLER, S., & Vetter, H. (1997). *Phänomenologie und Geschlechterdifferenz*. Wien: WUV-Universitätsverlag.

---

1 Levinas observa um ponto interessante: a análise do corpo não é de modo algum contraditória com o método de redução: "o corpo ele mesmo, cuja relação com a consciência forma o que é chamado na psicologia de problema mente-corpo, não desaparece com a redução. Ele é primeiramente constituído por um conjunto de Erlebnisse [vivências] e sensações internas. Ele também é dado enquanto um objeto que tem uma estrutura específica e que possui um papel privilegiado na totalidade da experiência" (LEVINAS, Emmanuel. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*, p. 213).

2 HUSSERL, Edmund. *Ding und Raum*, p. 163. Para a citação das obras de Husserl utilizo, geralmente, o nome reduzido do livro ("Krisis", por exemplo), seguido da paginação no original e, quando disponível, da página correspondente na tradução em língua portuguesa, a qual cito. Eventualmente altero a tradução, casos nos quais acrescento "t.a.", "tradução alterada". Nas obras utilizadas para as quais não há tradução em nosso idioma, a tradução citada é de minha responsabilidade.

3 No contexto de *Ding und Raum*, Husserl utiliza o conceito "Ichleib", que procura justamente apontar para a conexão entre o eu, o sujeito que apreende as coisas pelas sensações, e o seu corpo que possibilita tal apreensão e determina o modo como ela ocorre.

4 HUSSERL, Edmund. *Ideen II*, §18, p. 56.

5 *Ibidem*, §41, p. 159

6 *Ibidem*, §41, p. 159.

7 *Ibidem*, §18, p. 58.

8 Em poucas palavras, mundo da vida (*Lebenswelt*) diz respeito ao mundo da experiência cotidiana e pré-científica, que serve de base para uma reflexão propriamente teórica e científica da realidade. Para maiores detalhes, ver MAJOR, Ulrich. *The Origin and Significance of Husserl's Notion of the Lebenswelt*.

9 HUSSERL, Edmund. *Krisis*, §28, p. 108, p. 85, t.a.

---

10 DEPRAZ, Natalie, *Transcendance et incarnation. Le statut de l'intersubjectivité comme altérité à soi chez Husserl*, p. 344.

11 Husserl generaliza, obviamente, para além dos casos particulares de um corpo humano que não possui alguma das faculdades. Cabe reforçar, também, que o filósofo explicita as diferenças entre os sentidos, como no caso da visão e do tato (ver HUSSERL, Edmund. *Ideen II*, §37).

12 *Ibidem*, §36, p. 146.

13 *Ibidem*, §38, p. 152.

14 Conforme já apontamos, um indício claro que de a diferença entre Körper e Leib não estava plenamente desenvolvida em *Ideen II* é o fato de Husserl utilizar, na passagem citada, apenas a expressão "Leib", apesar de tratar aqui justamente da distinção entre corpo enquanto algo próprio e corpo enquanto mera coisa física.

15 Por "alma", evidentemente, Husserl se refere à propriedade psíquica do corpo e não a algo sobrenatural ou religioso.

16 HUSSERL, Edmund. *Ideen II*, §40, p. 157.

17 Pode parecer, certamente, que as considerações de Husserl se mostrem excessivamente antropocêntricas, uma vez que ele se refere exclusivamente ao corpo humano apesar de desenvolver análises que, em grande parte, contemplariam os corpos vivos dos animais. Na verdade, em *Ideen II*, o filósofo trata de maneira mais ampla do tema, abrangendo também essa questão, sobretudo na seção dois da obra. Não nos cabe, porém, desenvolver uma análise nessa direção.

18 HUSSERL, Edmund. *Krisis*, §28, p. 109, p. 86, t.a.

19 O que de fato corresponde à crença religiosa professada por Husserl, de modo que o filósofo não está assumindo nenhuma posição materialista sobre esse tema.

20 MURRAY, Stuart J., and Dave Holmes. "Interpretive phenomenological analysis (IPA) and the ethics of body and place: critical methodological reflections." *Human Studies* 37.1 (2014): 15-30; RENDTORFF, Jacob Dahl. "The Phenomenological Tradition: Experience, Body and Ethics." *French Philosophy and Social Theory*. Springer Netherlands, 2014. 77-98; MCMULLIN, Irene. "Embodied Expression: The Role of the Lived Body in Husserl's Notion of Intention-Fulfillment." *European Journal of Philosophy* (2015).

21 Sobretudo STEIN, Edith. *Zum Problem der Einfühlung*.

22 STOLLER, S. *Feministische Phänomenologie und Hermeneutik*; STOLLER, S., & Vetter, H. *Phänomenologie und Geschlechterdifferenz*; FISHER, L.; EMBREE, L. (Ed.). *Feminist Phenomenology*.

23 BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*.

24 HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*; ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*.